ANAIS
VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM ARTE DA FUNDARTE
III SEMINÁRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DA UERGS/MONTENEGRO
2015

Rio Caí: uma experiência artística do encontro e da memória

Andreia Salvadori[1]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS
Mariana Silva da Silva[2]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Resumo: Este trabalho foi uma investigação que fez parte do programa Iniciação Científica Ações Afirmativas (IniCie-AAf) Uergs - Unidade de Montenegro, RS. Vinculado ao projeto de pesquisa poética intitulada "A Arte Contemporânea e o Rio: Experiências artísticas a partir dos Rios Caí e Guaíba". Teve início nas observações e nas histórias da cidade de Montenegro, que é traspassada por acontecimentos e dados que se encadeiam na vivência de seus moradores e visitantes. Dela faz parte o Rio Caí, e sua presença inegável na cultura urbana. As histórias do rio foi o começo para o crescimento de muitas cidades, habitantes, culturas que se desenvolvem através da paisagem fluvial. O interesse desta pesquisa artística deu-se pelas histórias que podem ser retomadas de esquecimento, fornecendo material para o desenvolvimento de ações artísticas com a comunidade em locais descritos e narrados pelos moradores. Apresentarei meu trabalho de forma escrita e fotográfica, com pesquisas e saídas a campo com o objetivo de coletar dados que possibilitem aos entrevistados fazer uma reflexão e uma busca na memória dos acontecimentos ao redor do Rio Caí. Pesquisou-se a constante invisibilidade deste rio, muitas vezes apartado da paisagem cotidiana da cidade sua estética e crítica de atuação nesta paisagem. A pesquisa abordou formas de arte que trabalham a cooperação e a ação urbana.

Palavras-chave: Rio Caí; experiência artística; memória.

Desenvolvimento

A história de uma cidade é um transpassar de acontecimentos e dados que se encadeiam na vivência dos moradores e visitantes. As histórias de Rios são recomeços e crescimentos de muitas cidades, habitantes, culturas que se desenvolveu começando por um Rio.

Meu interesse pela história muitas vezes esquecida pelos moradores, mas, que fica na memória de muitas pessoas que ouviram falar e viveram fatos marcantes, faz com que eu apresente meu trabalho de forma escrita com entrevistas, pesquisas e saídas a campo no Rio Caí, em Montenegro.

Eu como moradora de Montenegro há cinco anos, relato a minha experiência ao chegar nesta cidade pela primeira vez de ônibus me impressionei com a paisagem

[1] Graduada em Artes Visuais – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Curso de Extensão em andamento "Música nas Escolas do Rio Grande do Sul: Um Programa de Formação Continuada para Professores das Redes Públicas" pela UERGS e UFRGS.
[2] Professora Orientadora Mariana Silva da Silva - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

do Cais do Porto ouvindo tantas histórias de pessoas e suas experiências, aumentando assim a curiosidade em querer conhecer mais. Cidade que recebeu meus tataravôs quando aqui desembarcaram no navio vindos da Itália, partiram de carroça em direção à serra para habitaram a Colônia Conde D' Eu, hoje, chama-se Garibaldi e Coronel Pilar, RS.

Partindo da pesquisa pretende-se desenvolver ações poéticas no Rio Caí que faça pensar e resgatar a história do rio com a sociedade local bem como acontecimentos como as enchentes em Montenegro, situação diversas vezes observada ao longo da história da cidade.

Resgatar o histórico do Rio Caí é um ponto muito importante, partir dele para desenvolver as ações poéticas.

> Montenegro, majestosamente assentado à margem direita do pitoresco rio Caí, com suas margens vestidas de luxuriante vegetação e que, mansamente, vai despejar suas águas no magnífico Guaíba, está fadado, devido a operosidade de seu povo e a uberdade de seu solo, a ser um grande empório comercial. (FERRAZ 1933, p. 109)[3].

Caí é uma palavra de origem indígena, provindo do *tupi-guaraní* que significa caminho do rio. O Rio Caí nasce no campo de cima da Serra em São Francisco de Paula com mil metros de altitude, com o nome de Santa Cruz. Passando por municípios como: Bom Princípio, Canela, Caxias do Sul, Montenegro, Nova Petrópolis e Sapiranga.

Os principais afluentes do Rio Caí são os arroios Cará, Cadeia, Forromeco, Mauá, Maratá e Piaí. Os principais usos da água nesta bacia se destinam a irrigação, uso industrial e abastecimento público. A exploração agrícola intensa e o desmatamento das encostas declivosas e a poluição hídrica no curso médio e inferior são os maiores problemas enfrentados nesta bacia. As enchentes são constantes na cidade de Montenegro.

[3] Octávio D. Ferraz - Álbum de Montenegro é um livro de 1933, não contem informações de impressão, esse livro foi Premiado com Medalha de ouro na Primeira Exposição-Feira, do município de Montenegro. Hoje o Livro teve sua segunda edição, que foi uma grande conquista impressa pela Livraria Gehlen em Montenegro.

As funções e significados do rio na paisagem da cidade de Montenegro me fez pensar em práticas artísticas desenvolvidas em sua maioria no espaço urbano. As situações construídas nesta investigação não deixam de ser coletivas, já que partem do espaço coletivo ao redor do rio.

Para Cauquelin (2007); "o relevo, a flora, a fauna, os arranjos humanos, os vestígios do passado: tantas "localizações" indispensáveis a narrativa e que a elas estão ligadas" (p. 49). A imagem está voltada para o acontecimento que precisa da sua presença e não para *manifestações territoriais singulares*. "O objeto paisagem não preexiste à imagem que o constrói para um designo discursivo" (p. 49). Ainda essa paisagem citada aqui está referindo-se a uma paisagem diferente daquela que costumamos ver, envolve questões de sentimentos e de existência.

As enchentes

Naquela época também já existiam as famosas enchentes e próximo ao cais havia estrebarias, chiqueiros, quando o rio subia com a correnteza levava os animais, as casas, e depois o local ficava todo sujo. Após as enchentes, vinham as febres devido à água não potável, os alicerces das casas ficavam abalados, pensando nas melhorias, ergueu-se um muro e aterrou-se as ruas.

Em 05 de abril de 1902, o intendente José Álvaro de Moraes (naquela época era assim chamado o que hoje é prefeito) contribuiu para a execução da obra.

Na década de 1920, tinha menos construções e os barcos podiam chegar em lugares que, hoje, seriam inacessíveis durante uma enchente.

As maiores enchentes que já ocorreram são[4]:

1928 - 7,14 metros acima do normal

1941 - 6,97 metros acima do normal

1954 - 6,25 metros acima do normal

1965 - 6,49 metros acima do normal

[4] Fonte: Tanac S.A. Disponível em: <http://geeral.com.br/noticias/?&post=Bairros-mais-atingidos-pela-enchente-em-Montenegro-sao-Olaria,-Ferroviario-e>. Acesso em: 2 jun. 2014.

1982 - 6,32 metros acima do normal

1985 - 6,04 metros acima do normal

1997 - 5,90 metros acima do normal

2000 - 6,27 metros acima do normal

2001 - 5,86 metros acima do normal

2003 - 5,69 metros acima do normal

2007 - 6,58 metros acima do normal

2009 - 6,06 metros acima do normal



Figura 1: Enchente de 1928. Fotografia. Fonte: Acervo Pessoal Romélio Alves de Oliveira

Nesta fotografia da Figura 1, temos a enchente de 1928, o registro não mostra o seu nível maior, aqui já estava baixando a água, até agora é registrada como a maior de todas. Podemos ver a esquina das ruas Ramiro Barcelos com José Luiz que é o principal ponto de referência das grandes enchentes em Montenegro.

O prédio que aparece em maior destaque é a agência Ford, revenda de veículos, foi demolido e construído um prédio moderno que hoje abrange a Agência da Caixa Econômica Federal. A enchente de 1941 representada na Figura 2, foi a segunda maior, ficando para trás alguns centímetros a de 28. Ainda hoje quando as enchentes ocorrem assustam os moradores próximos como na enchente de 1965 (Figura3).



Figura 2: Enchente de 1941. Fotografia. Fonte: Acervo Pessoal Romélio Alves de Oliveira



Figura 3: Enchente de 1965. Fotografia. Fonte: Acervo Pessoal Romélio Alves de Oliveira

No uso das águas destaca-se para: Energia elétrica, recreação para banho, balneários e pesca artesanal, abastecimento público, doméstico e industrial como o Polo Petroquímico em Triunfo, indústrias de bebidas e frigoríficos. Na irrigação, destaca-se a retirada de água para a plantação de morangos, hortaliças, viveiros de mudas de citros, arroz e produção de flores.

Trabalhos artísticos desenvolvidos

Parte integrante da pesquisa foi as caminhadas realizadas ao longo da orla do Rio Caí em Montenegro. Nestes trajetos, a professora Mariana Silva, a colega Tatiane Passos e eu coletamos materiais para a produção de nossos trabalhos artísticos.

A geografia da memória de um lugar, hábitos costumes, cultura, tudo isso constitui um repertório rico para armazenar lembranças e histórias de vida. Cada pessoa tem um diferente modo de guardar suas experiências. O Rio Caí é o território de recriação de muitas histórias que já existiram.

Hoje o Cais do Porto é um ponto turístico atrativo nas tardes fiandeiras dos finais de semana, proporcionando encontros entre amigos, rodadas de chimarrão, famílias reunidas. Sua visualidade é percebida ao passear pela redondeza, pelo seu belo entardecer do sol, percebendo que o sol entra nas águas mais profundas escondendo um belo tesouro natural.

Existe uma empresa localizada próxima ao cais que extrai areia com o navio draga para ser usada em construções na região, ajudando assim o meio ambiente na limpeza da água no fundo do rio como mostra na Figura 4.



Figura 4: Lixo do fundo do rio caí. Fotografia, 2014. Fonte: Acervo pessoal

Uma ação artística realizada no cais foi entregar Cartões de visita (como sugere o nome, realizar uma visita) com uma fotografia do ano de 1915 do próprio Cais, e no verso o seu endereço (Figura 5 e 6). Com esta imagem antiga, queria propor que as pessoas analisassem, refletissem criticamente sobre a paisagem. Que olhassem para a imagem que estava no cartão de visita e para a imagem real, para que cada pessoa percebesse algo diferente, o que mudou, alterou-se, trocou, sujou. Foi pensando artisticamente nestas questões que este trabalho assumiu o nome de *Guia dos Curiosos*, reunindo uma série de lugares de Montenegro.



Figura 5: Guia dos curiosos. Fotografia, 2014.Fonte: Acervo pessoal.

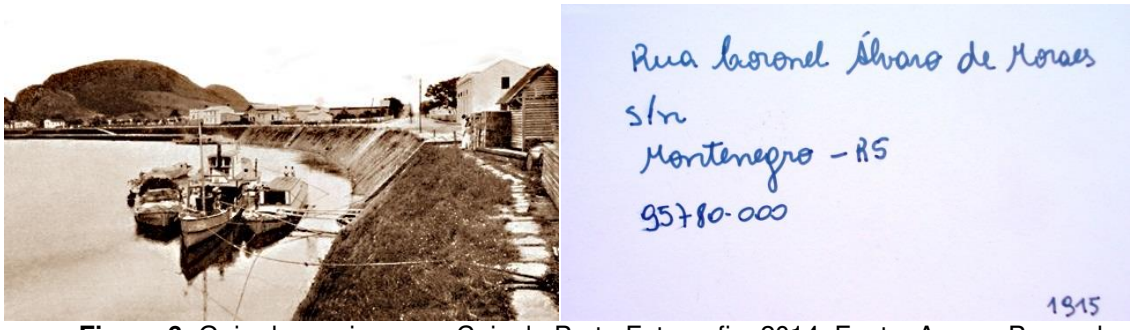

Figura 6: Guia dos curiosos no Cais do Porto.Fotografia, 2014. Fonte: Acervo Pessoal Romélio Oliveira

Outra ação artística que parte dos relatos da enchente que são histórias de tristeza, abandono, perda, destruição, ocorridos nas maiores enchentes desde meados de 1997 até uma das últimas maiores que foi no ano de 2013.

Ouvindo os moradores relatando sobre a enchente, percebemos que no momento em que ocorre a subida das águas, os moradores não sabem como conseguem tanta força para superar. As perdas muitas vezes são muito grandes.

Um dos relatos mais chocantes foi aquele sobre uma das casas arrastada pela correnteza e outro sobre um homem idoso que ficou ilhado sem conseguir sair da casa e acabou falecendo.

Pensando artisticamente como eu poderia ajudar os atingidos da água da enchente foi que eu realizei a coleta da *Água da enchente*, em 2014, (Figura 7). Coletando e guardando água da enchente em pequenos vidros, medindo 5x3 cm, tampadas com rolha, e no externo, colei um adesivo com a frase *Água da enchente,2014.* Passei a distribuir estes vidros a várias pessoas, como um compartilhamento destas histórias e memórias relatadas durante a pesquisa.



Figura 7: Coleta da *Água da enchente*. Fotografia, 2014. Fonte: Acervo pessoal

Esse trabalho trata-se de uma série de múltiplos de 40 unidades, (Figura 8), podendo ser realizados quando ocorrer enchente. Na década de 60 o termo múltiplo foi cunhado como sendo um trabalho de arte com a intenção de produzir cópias, podendo ser limitadas ou ilimitadas, sendo utilizados vários tipos de materiais, facilitando a sua distribuição por diferentes meios e espaços alternativos, atingindo assim maior número de pessoas não necessariamente o público específico das galerias e museus de arte. A prática dos múltiplos teve como grande incentivador o artista alemão Joseph Beuys (1921-1986), figura emblemática da arte recente, grande transgressor de toda espécie de convenções artísticas.

Desta forma, a elaboração de objetos artísticos que se assemelham a objetos cotidianos passará a fazer parte da história da arte.

Este trabalho demonstra que o múltiplo pode carregar a experiência artística para além do próprio objeto. Pretende-se que os pequenos vidros de água de enchente possam articular uma situação específica da cidade de Montenegro a um singelo objeto.



Figura 8: Preparação dos vidros. Fotografia, 2014. Fonte: Acervo pessoal

Assim como a enchente acaba, muitas vezes, é esquecida pela população que só observa de longe e nunca mais se lembra das vítimas, as pessoas que receberão os vidrinhos, lembrar-se-ão daquele acontecimento de uma forma diferente, que não é destruidora, (Figura 9).



Figura 9: Entrega dos vidros. Fotografia, 2014. Fonte: Acervo pessoal

O retorno alegre das pessoas em receber os vidros foi algo inesperado, porque se trata de um acontecimento que as abala por um breve período para depois ser

apagado. O acontecimento da enchente volta a circular, desta forma, com outros questionamentos e interesses.

Conforme Anne Cauquelin (2007), o que passamos a chamar de paisagem refere-se muitas vezes, às nossas lembranças de infância, contos narrados por nossos familiares, juntamente a tudo o que guardamos na memória, algo que nos interesse. Para a autora, a ideia de paisagem foi sendo formada por uma história relatada pela mãe quando ela era pequena.

Conclusão

Concluo que esta pesquisa tem me proporcionado um olhar artístico sobre o Rio Caí, resgatando a sua história e proporcionando que mais pessoas possam conhecê-la. Foi esse olhar que me despertou curiosidade e encanto com as pessoas que fizeram parte e continuam participando da construção do Cais do Porto.

Encontrei significado e potência artística nas coisas comuns que me atraem a fim de propor para o espectador vivenciá-las também.

O que passa a se chamar de paisagem refere-se muitas vezes às nossas lembranças de infância, contos relatados, algo que nos interessa, tudo o que guardamos na memória. (CAUQUELIN).

Para mim a paisagem do Rio foi sendo formada por histórias relatadas pela população local. Esta percepção, contudo, muda para cada indivíduo, muitas construções de paisagem podem ser possíveis, partindo de imagens, sons e leituras.

Referências

Bacia Hidrográfica do Rio Caí. Disponível em: <http://www.sema.rs.gov.br/conteudo.asp?cod_menu=56&cod_conteudo=5864>. Acesso em: 20 jul. 2014.

BEUYS, Joseph; KLUSSER, Bernd; SCHELLMANN, Jörg. “Questions to Joseph Beuys”. IN: **Joseph Beuys**: Multiples. Cambridge, Mass., Minneapolis, and Munich/New York: Harvard University Art Museums, Walker Art Center, and Edition Schellmann, 1997, p. 9-28. Tradução Mariana Silva da Silva, 2014.

BOURRIAUD, N. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CANTON, C. **Tempo e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CAUQUELIN, A. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.

FREIRE, C. **Além dos mapas**: Os monumentos do imaginário urbano contemporâneo. São Paulo: ANNABLIME/FAPESP/SESC SP, 1997.

GOTTSELIG, C W. **Álbum de Montenegro**. Montenegro, 1933.

INFORMATIVO Geral. **Níveis da enchente em Montenegro RS**. Disponível em: <http://geeral.com.br/noticias/?&post=Bairros-mais-atingidos-pela-enchente-em-Montenegro-sao-Olaria,-Ferroviario-e>. Acesso em: 20 jul. 2014.

KAUTZMANN, M E M. **Montenegro de Ontem e de Hoje, 2º volume**. Livraria Editora Pallotti, Porto Alegre, 1982.

OLIVEIRA, H A. **Resumo da História de Montenegro**. Produção Independente Montenegro, 2003.

REY, S. Porto Arte. **Da prática à teoria**: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais. Porto Alegre v.7, n 13, p. 81-95, nov. 1996. Instituto de Artes / UFRGS, 1990.